



PRECISAMOS FALAR SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

¹Karoline Rodrigues de Oliveira

¹Discente do curso de Pedagogia; Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru

A alfabetização e o letramento apesar de serem processos distintos, são reflexo um do outro, se tornando complementares. Este trabalho pretende trazer uma breve crítica ao processo de alfabetização e letramento tradicional dos primeiros anos de ensino e propor a visão construtivista pela perspectiva de Emília Ferreira. Inicialmente, precisamos esclarecer para os professores o que é o processo de alfabetização e o que é o letramento com formações contínuas para que o cenário brasileiro possua professores cada vez mais especializados e capacitados de estar em uma sala de aula. O aluno que é alfabetizado é aquele que consegue decodificar o código linguístico a sua frente, já o aluno letrado, sabe o que escreve e lê, e a partir disso usufrui dos mesmos socialmente, por consequência, os dois processos se tornam indispensáveis no seguimento do ensino ao decorrer do processo de escolarização e ao longo de toda a vida. A partir da linha teórica de Emília Ferreira, uma grande admiradora de Jean Piaget, devemos olhar de maneira crítica para alfabetização tradicional e a posição dos alunos no processo, passando a coloca-los como protagonistas no ensino, ou seja, como construtores do seu próprio conhecimento, tendo a preocupação em como o aluno aprende e na importância da criança errar, para então conseguir assimilar aquilo que foi apreendido. Para Piaget, é indiscutível que o processo do conhecimento é individual e gradual de acordo com os mecanismos de cada aluno, sendo que cada avanço cognitivo depende de uma assimilação dos reforços nos esquemas internos, como por exemplo, o erro. Dessa forma, com os esquemas internos, as crianças não repetem aquilo que ouvem, mas sim interpretam aquilo que lhe é ensinado, encarretando uma enorme crítica ao sistema de alfabetização tradicional, já que para o mesmo acredita que a eficiência da alfabetização se dá no acarretamento da repetição ou releitura do conteúdo. Diante dessas considerações, Emília Ferreira desenvolve uma crítica a alfabetização tradicional, pois acredita que os métodos tradicionais persistem em colocar alunos à leitura de palavras que à primeira vista são simples e sonoras como, por exemplo, bobo, bebê, babá (...),

mas que para a assimilação dos alunos não tem conexão a nada, ou seja, não produzem sentido. Assim, levando ao raciocínio incoerente de que o contato com a leitura da criança deve ser aproximado quando ela for capaz de decodificar os códigos separados, sem levar em consideração que as relações estabelecidas com a leitura dos textos completos acrescentam no conhecimento do aluno desde o início da alfabetização e do letramento. Para a psicolinguista, a compreensão da escrita e seu incentivo, deve-se utilizar textos que tragam a realidade de seus alunos, histórias, revistas e jornais da atualidade, para que de fato a função social da escrita seja estimulada e usufruída, criando então numa proposta construtivista de ensino e um ambiente alfabetizador. Em suma, o sistema de alfabetização tradicional tem a necessidade de ser analisado e reconstruído desde a formação dos profissionais da educação, com a intenção de mostrar que a alfabetização e o letramento apesar de serem processos diferentes, devem ser correlacionados no ensino para que os alunos se tornem ativos não só no processo de alfabetização e letramento, mas também saibam a importância da função social da escrita a partir de atividades que sejam contextualizadas com as suas realidades com o uso, por exemplo, da exploração de diversos gêneros textuais, caminhando então, com metodologias que não proporcionem a mecanicidade do ensino e dos estudantes.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Emilia Ferreiro. Psicolinguista.